

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA (UFRO)  
CENTRO DE HERMENÊUTICA DO PRESENTE

## PRIMEIRA VERSÃO

ANO III, Nº180 - FEVEREIRO - PORTO VELHO, 2005

Volume XII

CAPA: ELIAQUIM CUNHA

ISSN 1517-5421

EDITOR

**NILSON SANTOS**

CONSELHO EDITORIAL

**ALBERTO LINS CALDAS** - História  
**ARNEIDE CEMIN** - Antropologia  
**FABÍOLA LINS CALDAS** - História  
**JOSÉ JANUÁRIO DO AMARAL** - Geografia  
**MIGUEL NENEVÉ** - Letras  
**VALDEMIR MIOTELLO** - Filosofia

Os textos de até 5 laudas, tamanho de folha A4, fonte Times New Roman 11, espaço 1.5, formatados em "Word for Windows" deverão ser encaminhados para e-mail:

nilson@unir.br

CAIXA POSTAL 775  
CEP: 78.900-970  
PORTO VELHO-RO

TIRAGEM 150 EXEMPLARES

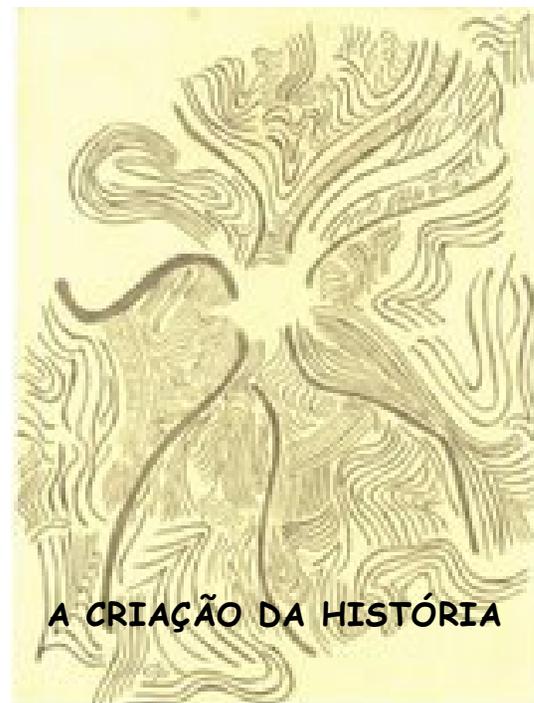
**EDITORA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA**

# PRIMEIRA VERSÃO

ISSN 1517-5421

*lathé biosa*

**180**



Alberto Lins Caldas



**Alberto Lins Caldas**

Professor de Teoria da História - UFRO

Centro de Hermenêutica do Presente - UFRO

caldas@unir.br

**A CRIAÇÃO DA HISTÓRIA**

A história se confunde com a própria sociedade, com o real que temos a certeza de ser o único real possível, fundado nas nossas mais corretas percepções, com o planeta inteiro que dominamos senão objetivamente, mas pelo menos teoricamente. A história existe “desde o aparecimento do homem sobre a terra”, e a tentação se completa: perdemos a historicidade das idéias e do nosso mundo, logo ele que criou tanto a história quanto a História.

Nosso entendimento das coisas se descolou de uma consciência comunitária, que sentia e afirmava não haver “outro mundo além do nosso”, outra língua além da nossa, outro homem senão nós mesmos, e tudo girava no eixo do deus que era o único. Dessa maneira, incontáveis sociedades sempre garantiram tanto sua identidade quanto sua diferença. Na verdade nunca existiu, como “agora” na ocidentalidade e nas suas extensões hegemônicas, um Homem só, uma Humanidade, um planeta, uma terra para todos, um tempo, uma corrente única de fatos ou eventos ou motores que arrola todos como frutos de uma mesma espécie, mesmo que tudo isso seja uma das matrizes do próprio cristianismo, sua boa nova e o caráter do deus que o sustenta.

A historicização daquilo que entendemos como história não nos faz encontrar o “mundo”, o “homem”, o “tempo”, mas de como a ocidentalidade (esse termo não quer dizer que exista uma orientalidade, criação colonial) cria e projeta um mundo, um homem, um tempo como se fossem os únicos, fazendo de uma universalização, antes impossível, a realidade enquanto totalidade de uma tribo que se tornou, miticamente, o Mundo. O fundamento, por exemplo, da Humanidade não é sua existência real num planeta e num tempo, mas um tipo de etnocentrismo cavalari moldando “todos” à sua imagem e semelhança, passando por cima de tudo e de toda diferença. Aquilo que criou a idéia de Homem não partiu do “conjunto das sociedades”, mas de um determinado sistema lógico ligado, primeiro, ao pensamento cristão (determinada virtualidade escravista e servil), depois ao “pensar industrial” das sociedades capitalistas, sua expansão e suas maneiras de tornar tudo igual às suas mercadorias: o Homem é, antes de tudo, o assalariado.

Depois disso seria impossível aceitar o “homem ocidental” somente como homem. A antropologização acompanha o longo processo das expansões comerciais, industriais e bélicas das ocidentalidades. Sem essas expansões não seria possível ter-se nem a “noção” nem a “realidade” do humano, que é, na verdade, a expansão da perspectiva de poder de uma grande tribo sobre todas as outras e sobre si mesma, caindo, com o tempo, nas suas ilusões como se tivesse numa realidade-real, parâmetro de tudo, tanto antes quanto depois de si mesma, criando uma metafísica difícil de distinguir e superar, metafísica que nasce das rodas das suas produções gerais e torna-se não somente as lógicas dominantes mas também a única grande maneira correta de pensar.

A criação tanto da história quanto da História se dá no processo de solidificação virtual dessa metafísica (essa metafísica é o real, o natural) e não tem sentido fora das suas coordenadas. A entrada dos indivíduos, dos grupos, das consciências familiares, das memórias, de tudo aquilo que era somente íntimo, no que entendemos como história foi, em cada comunidade particular, em cada individualidade, parte das transformações das produções e das subjetividades e da inclusão de “todos” os aspectos sociais num mesmo amálgama ilusório (sistema de crenças verdadeiras, reais e naturais) necessário a essa mesma sociedade que jamais se considerou uma tribo para se considerar o Mundo.

Essa metafísica confunde-se agora com o próprio modo de pensar e sentir, mas pode ser decomposto em grandes blocos tradicionais como o “senso comum”, o “religioso”, o “filosófico”, e principalmente o “científico”. Mas não se apresenta somente como “sistema de idéias”, mas a própria realidade, criando uma síntese mítica que não consegue tocar seus limites precisamente porque dessa maneira estaria levando a historicização além dos limites seguros de racionalidade, sabendo-se mítica, o que viria a desfazer seu fundamento, criando um curto-circuito entre real e imaginário, entre mitologia e história, que impossibilitaria a razão histórica de continuar funcionando. As nossas lógicas, ou mesmo nenhum tipo de lógica pode perder seu solo mítico, sua garantia de universalidade, de certeza e poder, de não se considerar mais uma e pura imaginação real. Sair de si seria reconhecer a parcialidade de seus pressupostos, de seu poder, de sua racionalidade e do seu mundo: isso a racionalidade cristã-científica não pode nem conseguiria fazer.

Em Homero, “mito” e “história” estariam indissolúvelmente ligados se o canto do aedo revelasse os laços objetivos (o inescapável fantasma do realismo) que o ligavam a comunidade, ao tempo da escritura: mas esse canto é sempre aquilo que funda, antecede e forma a realidade: a Paidéia é criação dos aedos: o mundo grego nasce do canto, da conversa, de uma práxis viva que ainda não separava nem excluía a matéria dos sonhos da substância inescapável do imediato: cantando o que foi os aedos criaram o que seria naquilo que é.

Segundo Veyne (1984: 21):

Heródoto se compraz em relatar as diferentes tradições contraditórias que pôde coletar; quanto a Tucídides (...) relata tão-somente aquela que considera correta; ele assume suas responsabilidades. Quando afirma categoricamente que os atenienses se enganam no que diz respeito ao assassinato dos pisístrates e quando dá a versão que considera verdadeira, limita-se a afirmar; não fornece prova nenhuma.

Essa história ainda não é aquela criada pelo capitalismo: ainda não se tornou objeto arrancado como exterioridade construída pelo trabalho, ser-aí que dissolve o canto. Não há o homem, mas a comunidade, o grupo, a palavra de todos, o vínculo em fluxos vivos de linguagem: tudo ainda estava no entre-nós: não havia o “homem”, sozinho e preso no imediato sonhando um passado imaginário como se fosse verdade, realidade, acontecimento. Havia um ver que não se sabia claro, mas cantava com clareza o que sonhava viver, confundindo vivamente esse sonho com esse viver. O cantado e o vivido, a pele e o mundo, a carne e a terra eram um só.

Mas esse "cantor original" não vai muito longe em nossas próprias teorias (ele é criado por nossas teorias). Não vai longe em seu próprio mundo. Tucídides, mesmo longe das fusões homéricas, ainda não descola o narrar daquilo narrado. Ele é, conscientemente, o "histór", o que "salva do esquecimento atos, palavras e monumentos". O que os homéridas faziam sem saber ele fará com uma lúcida consciência, mas não cria a História nem disserta sobre a história, que não é sua realidade ou produto.

Principalmente porque a história é uma das grandes resultantes míticas da cristandade. Sua maneira de ser e estar no mundo, o modo do seu deus existir e se expandir: a vocação política da História enraíza-se na politicidade radical da visão mítica cristã de expansão do seu deus (não somente produtos e idéias, mas eixo mítico-religioso que se expandiu monstruosamente, criando no seu "giro" a própria ocidentalidade). A chamada "Antigüidade Clássica" não conheceu aquilo que entendemos por história, seja na "idade média" seja na "modernidade". Uma possível historiografia greco-romana esbarra na nossa própria concepção de história: falta a concepção cristã de encadeamento de um todo, uma idéia de "história do mundo" com fluxo e sentido. Estruturam suas "visões turísticas ou filosóficas" como coleção de moralidades, estilos e razões. Não há o encadeamento mecânico cristão-científico das realidades-históricas. O vazio predomina, a escuridão circunda tudo (Gagnebin, 1997). O encadeamento se faz internamente a cada caso, a cada fato, a cada história e encadeamento só existe se existe relação entre as particularidades: não há "história do mundo": um romano não via sua existência ligada por "laços históricos" a gregos ou mesmo egípcios: Roma era Roma.

Mas não houve uma "evolução do mítico ao histórico", ou uma superação dos "vazios" em detrimento de uma concepção "mais avançada". O nascimento da história nasce e persiste por ser estrutura mítica de compreensão não por ser a realidade, o que seria cair nas armadilhas desse mesmo modo de pensar. É o jeito cristão de ser e conceber.

Agostinho põe seu deus e sua providência como substância viva do mundo, seu trajeto e sentido nascendo daí, abarcando o conjunto daquilo que denominaremos humanidade. O mundo pagão e mítico superado pela revelação e morte de deus no mundo. Mas Agostinho ainda é romano e sua historicização pertence ao "mundo romano" e seu medo de chegar ao fim, o que contribuirá também para o sentimento de fim que percorrerá toda a "nossa história" e também deixando suas marcas nas várias "idéias de História". A "idade média" desenvolverá o sistema que amalgamará homem e história, criando a universalização desses dois conceitos enquanto realidade, processo sagrado da temporalidade da origem (única origem possível) ao fim, tendo Jesus como eixo mítico e episódio central, criando um campo de força onde todas as coisas se remetem e ganham seu significado ou seu mistério devido, seu deve ou não deve, seu pode ou não pode, seu é ou não é, realidade, sonho e limites. A questão não se apresenta como "conquista da realidade" mas de um processo de criação mítica onde é escrito um deus, Jesus (Lentsman, 1963), uma concepção de temporalidade (tempo linear evolutivo, no caso evolução moral, que será substituída por evolução material e geral de tudo na modernidade), uma religião e todas as concepções que a circundam e fundamentam enquanto não mais uma religião mas agora a única religião, com o único deus possível. É o estabelecimento da identidade/diferença daquilo que podemos chamar de ocidentalidade e seus conteúdos mitológicos.

A "historicização dos mitos", no caso a historicização dos mitos hebraicos e romanos, feita pelo cristianismo não torna o resultado histórico, isto é, fora do mítico, mas, ao contrário, confirma o cristianismo como a identidade/diferença mítica da ocidentalidade. Se a sua historicidade tornou-se dogmática e moralista com o tempo, tornando-se exemplo como espécie de fuga ou retorno ao tradicional mítico, foi ainda assim o fundamento e sentido da historicidade como a conhecemos, que não deixou de ser mítica só porque a denominamos de científica e real: faz parte de todo real crer em si como o real, aquilo que não é sonho, não é imaginário: o real das "outras culturas" é que é considerado mítico.

A criação da história se deu lentamente nos fundamentos da cristandade. Primeiro como apanhado dos pedaços cronológicos de várias sociedades. Mas aquilo que entendemos como História e como história é resultado do feixe de mentalidades e lógicas do mundo do capital e sua lógica devoradora e universalizante.

O mundo industrial tornará essa naturalização metafísica um poder esmagante seja em termos do conhecimento, seja em termos da cognição, seja nos termos do pensamento revolucionário, ou no domínio político, no estraçalhamento de identidades e diferenças. Mas tanto a História quanto a história tomarão outro sentido e razões no capitalismo que escapam à sua "origem e fundamentos" cristãos.

Mas ainda há, nessa História, uma questão central, ou melhor, internalizada, que diz muito do trajeto historiográfico, pois são como "sobrevivências" que pode ser compreendida como rede de sustentação. A História sempre foi discurso para honrar, doutrinar, educar, instruir, informar, treinar o Papa, o Rei, o Príncipe, os Ministros, os Generais, a Aristocracia em seus lugares e destinos. Sua função era ser esclarecimento do presente tendo como lição os "grandes feitos do passado", os erros para não serem mais cometidos, os acertos para novamente alegrar seus promotores; era consolidar, estabilizar, firmar, reproduzir, copiar, reportar, espelhar, abonar, afiançar, aprovar e garantir a visão de mundo que partia de Deus e dos Reis. O sentido dessas palavras foi se internalizando no processo de estabelecimento da História nesses últimos séculos. Deixou-se de fazer uma História em-nome para se fazer uma História em-nome da verdade, do real, do povo, do país.

## **BIBLIOGRAFIA**

BLOCH, Marc. INTRODUÇÃO À HISTÓRIA. Europa-América, Sintra, 1976.

BOURDÉ, Guy; MARTIN, Hervé. AS ESCOLAS HISTÓRICAS. Europa-América, Lisboa, 1990.

COLLINGWOOD, R. G. A IDÉIA DE HISTÓRIA. Presença/Martins Fontes, Lisboa, 1972.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. SETE AULAS SOBRE LINGUAGEM, MEMÓRIA E HISTÓRIA. Imago, Rio de Janeiro, 1997.

GARDINER, Patrick. TEORIAS DA HISTÓRIA. Fundação Calouste Gulbenkian, 2ª ed., Lisboa, 1974.

HERÓDOTOS. HISTÓRIA. UNB, Brasília, 1988.

LENTSMAN, Jacó Abramovitch. A ORIGEM DO CRISTIANISMO. Fulgor, São Paulo, 1963.

RÜSEN, Jörn. RAZÃO HISTÓRICA. UnB, Brasília, 2001.

SCHAFF, Adam. HISTÓRIA E VERDADE. Martins Fontes, São Paulo, 1978.

TÉTART, Philippe. PEQUENA HISTÓRIA DOS HISTORIADORES. EDUSC, Bauru, 2000.

TUCÍDIDES. HISTÓRIA DA GUERRA DO PELOPONESO. UNB, Brasília, 1984.

VEYNE, Paul. ACREDITAVAM OS GREGOS EM SEUS MITOS? Brasiliense, São Paulo, 1984.

VICO, Giambattista. CIENCIA NUEVA. Fondo de Cultura Económica, México, 1993.

# VITRINE

## SUGESTÃO DE LEITURA

### **A RAZÃO GULOSA: Filosofia do Gosto**

MICHEL ONFRAY  
Rocco

**RESUMO:** O paladar e o olfato são, entre os cinco sentidos, os que usufruem de pior reputação já que são generosos em mostrar o quanto o homem que pensa e medita é ao mesmo tempo um animal que sente cheiro e saboreia. Daí o descrédito lançado a todas as atividades estéticas que fazem apelo aos sabores e aos odores, assim, como às artes da cozinha e da bebida. Este livro quer atribuir a dignidade filosófica que falta aos domínios da mesa e a responder afirmativamente a questão de Nietzsche: existirá uma filosofia da nutrição?

**SUMÁRIO:** Pequena Teoria das Bolhas; Polidez Gulosa e Cena Gastronômica; Vias de Acesso aos Intestinos; O Útero, a Trufa, e o Filósofo; Breve Mitologia das Religiões excitantes; O Império dos Signos Culinários; Celebração da Parte dos Anjos; Estética do Efêmero; Por uma Filosofia Estendida ao Corpo.

**Áreas de interesse:** Filosofia, Gastronomia, Hedonismo.

**Palavras-chave:** Filosofia , Culinária, nutrição, Comportamento Humana

## LINKS

Centro Brasileiro de Filosofia Para Crianças  
<http://www.cbfc.com.br>

Ibero-american Science& Technology Consortium  
[www.istec.org](http://www.istec.org)

Educação no exterior  
[www.fastweb.com](http://www.fastweb.com)

Línguas  
[www.weblinguas.com](http://www.weblinguas.com)

downloads  
[www.downloads.com](http://www.downloads.com)

[www.superdownloads.com.br](http://www.superdownloads.com.br)

[www.tucows.com](http://www.tucows.com)

[www.zdnet.com/downloads](http://www.zdnet.com/downloads)

Arte  
[www.mundodaarte.com.br](http://www.mundodaarte.com.br)

Picasso  
[www.clubinternet.com/picasso](http://www.clubinternet.com/picasso)

Literatura de Cordel  
[www.ssac.unicamp.br/suarq/cedae/cedae-flc-varal.html](http://www.ssac.unicamp.br/suarq/cedae/cedae-flc-varal.html)